



CONVIVÊNCIA INTERGERACIONAL NA UNIVERSIDADE: MUDANDO ATITUDES E DIMINUINDO PRECONCEITOS

Rômulo José Barboza dos Santos¹, Pâmela Fanfa Ribeiro Gonçalves²,
Diego Paes Ehmke³, Solange Beatriz Billig Garces⁴

Resumo: O envelhecimento populacional está em larga expansão, especialmente em países em desenvolvimento como o Brasil. Todavia, este complexo fenômeno do envelhecimento vem acompanhado pelo preconceito contra a pessoa idosa, já que a sociedade ainda tem como regra básica a ocupação dos espaços, especialmente os públicos por populações jovens. Dessa forma, este trabalho tem como objetivo publicizar os resultados finais obtidos pelo Projeto de Pesquisa Convivência Intergeracional na Universidade: mudando atitudes e diminuindo preconceitos, os quais foram angariados por meio de questionários aplicados aos colaboradores e professores da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ), bem como, junto aos idosos que frequentam a Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) da UNICRUZ. O instrumento utilizado, nesta pesquisa, foi a Escala ROPE (*Relating to Older People Evaluation*) – Escala de Relação com Pessoa Idosa. Os resultados demonstraram, de forma geral, índices não tão elevados de preconceito existente contra a pessoa idosa na UNICRUZ.

Palavras-chave: Convivência Intergeracional; Universidade; Envelhecimento; Preconceito.

Abstract: Population aging is booming, especially in developing countries such as Brazil. However, this complex phenomenon of aging is accompanied by prejudice against the elderly, since society still has as its basic rule the occupation of spaces, especially the public by young populations. Thus, this paper aims to publicize the final results obtained by the Research Project Intergenerational Living at the University: changing attitudes and reducing prejudice, which were raised through questionnaires applied to the collaborators and teachers of the University of Cruz Alta (UNICRUZ), as well as with the elderly who attend the Open University for the Third Age (UNATI) of UNICRUZ. The instrument used in this research was the Relating to Older People Evaluation (ROPE) Scale. The results showed, in general, not-so-high rates of prejudice against the elderly at UNICRUZ.

Keywords: Intergenerational Living; University; Aging; Preconception.

1 INTRODUÇÃO

A palavra intergeracional vincula-se às diversas relações que podem ocorrer entre indivíduos que pertencem a gerações distintas. Por sua vez, estas relações não ocorrem apenas

¹ Bolsista PIBIC/CNPq/Unicruz. Integrante do Projeto de Pesquisa “Estado de Direito e Democracia: espaço de afirmação dos Direitos Humanos e Fundamentais. Acadêmico do 8º semestre do Curso de Direito da Universidade de Cruz Alta - UNICRUZ. E-mail: romullobarboza@hotmail.com;

² Bolsista PIBIC-EM/CNPq/Unicruz. Discente da E. E. de Educação Básica Margarida Pardelhas E-mail: pfgoncalves2001@hotmail.com;

³ Mestrando do Programa de Pós-Graduação (PPG) em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social pela UNICRUZ. Bolsista da CAPES. Enfermeiro graduado pela UNICRUZ. Integrante do Grupo Interdisciplinar de Estudos do Envelhecimento Humano (GIEEH). E-mail: diegopaes.ehmke@gmail.com;

⁴ Prof.^a Titular III da UNICRUZ. Docente Permanente do PPG em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da UNICRUZ. Líder e Pesquisadora do GIEEH. E-mail: sbgarces@hotmail.com.



em um contexto específico, como o familiar, mas em todos os contextos da vida social dos indivíduos, sendo que, quando configurada uma convivência intergeracional na sociedade, a velhice passa a receber um novo significado, pois é encarada de forma mais leve (NERI, 2005 apud GRAZINA; CORTEZ; SOUSA, 2012).

O fenômeno do envelhecimento populacional é uma realidade mundial que se intensifica nas últimas décadas. No Brasil, este evento também se faz presente, todavia de forma recente e acelerada. A respeito desta temática, Borges, Campos e Silva (2015, p. 138) referem que:

A população brasileira vem passando por uma significativa transformação, caracterizada por alterações em seu regime demográfico e estrutura etária. Os níveis e padrões de mortalidade e fecundidade de todas as regiões do País modificaram-se de forma considerável nas últimas décadas, gerando desafios e oportunidades para a sociedade.

Segundo Camarano (2004), o progresso da ciência, com a evolução biomédica, tem possibilitado que a vida se estenda por muitos anos, superando a média de séculos passados. Além da diminuição da mortalidade dos idosos, a redução da natalidade e mortalidade infantil têm contribuído para que nasçam menos crianças e, conseqüentemente, aumentem os índices de envelhecimento populacional. Esta realidade corresponde ao fenômeno denominado como aumento da expectativa de vida, o que tem gerado mudanças nas estruturas familiares, proporcionando experiências intergeracionais nas famílias brasileiras.

Barros (2009, p. 46) afirma que “As transformações das relações intergeracionais nas famílias de camadas médias no Brasil têm sido examinadas pelo impacto, nas relações familiares, das redefinições da juventude e velhice.” Cada vez mais famílias contam com a presença de idosos em sua constituição, aumentando a possibilidade de convivência entre gerações distintas no mesmo núcleo familiar. Neste sentido, Motta (2010, p. 229) entende, no sentido sociológico, que geração designa “[...] um coletivo de indivíduos que vivem em determinada época ou tempo social, têm aproximadamente a mesma idade e compartilham alguma forma de experiência ou vivência, ou têm a potencialidade para tal.”

Na contemporaneidade, “[...] as alterações demográficas e sociais têm vindo a demonstrar a importância do contato entre as gerações, que se assumem como uma das estratégias para a promoção da solidariedade intergeracional” (RODRIGUES, 2012, p. 4). Contudo, especialmente, entre as gerações mais jovens, há preconceitos e discriminação em relação as pessoas mais velhas, conforme preleciona Mota (2010, p. 227):

Apenas o preconceito/discriminação contra a idade se apresenta de forma menos perceptível, mais sutil que o sexismo, porque mais naturalizado pela evidência dos registros da passagem do tempo nos corpos. E os corpos são de várias idades, em suas diferentes transformações e possibilidades, individuais e sociais.

Para Motta (2010, p. 230) “[...] cada momento histórico se realiza com a presença simultânea de várias gerações que, mesmo contemporâneas, não têm as mesmas experiências e



04 a 07 de nov.19



trajetórias de vida.” Todavia, esta convivência intergeracional nem sempre foi algo tranquilo, tendo em vista que mesmo com o aumento do número de idosos em escala mundial, ainda persistem o preconceito e o descaso com essa parcela significativa da população. Rabelo e Neri (2014, p. 148), referem que:

O envelhecimento populacional do mundo tem se tornado um dos problemas sociais do momento. Os relacionamentos entre idosos e seus filhos adultos e netos envolvem grande complexidade emocional e sua qualidade está associada às condições de saúde física e mental dos idosos. Ainda se tem muito a aprender sobre as relações intergeracionais e maior atenção deve ser dada aos seus aspectos multidimensionais e à sua natureza sistêmica. A solidariedade entre as gerações é um princípio basilar da vida social e a família é seu mais forte motor, sendo fundamental para o bem-estar, saúde e desenvolvimento dos idosos.

Como se observa nas explicitações dos autores, a solidariedade entre as gerações e o cuidado com o outro são aspectos essenciais para mudar esta realidade de discriminação e preconceito em relação às pessoas idosas. Esta preocupação é, essencialmente, relevante no meio familiar, até mesmo porque os indicadores de violência, tais como negligência, abandono e exploração acontecem com maior frequência e no próprio grupo doméstico (MINAYO, 2014). Por outro lado, também preocupa a discriminação etária com relação a pessoa idosa, quando esta sai em busca de espaços que, anteriormente, eram privilégio de jovens, tais como o espaço universitário.

A UNICRUZ como uma Instituição Comunitária de Educação Superior (ICES), concretizada a partir da Lei nº 12.881 de 12 de novembro de 2013 – embora sua constituição como Universidade tenha ocorrido em 21 de outubro de 1988 – e que conta, aproximadamente, com 3.000 (três mil) alunos, distribuídos em 21 (vinte e um) cursos de graduação e pós-graduação *Lato e Stricto sensu*, é um “universo” ideal para que esta integração de gerações, baseada em respeito, solidariedade e afeto se concretize.

A palavra ideal, neste contexto, é utilizada considerando-se que a Universidade precisa contribuir para a redução deste problema com responsabilidade social, pois caracteriza-se como um espaço marcado pela juventude e diversidade. Dessa forma, é preciso tornar realidade esta convivência intergeracional, possibilitando, por meio de ações e espaços que possam ser experienciados por diversas gerações, inclusive os idosos, para que preconceitos e discriminações sejam derrubados e/ou evitados.

Sendo assim, nesta pesquisa, buscar-se-á verificar o nível e as formas de preconceito existente, na UNICRUZ, contra a pessoa idosa, sob a análise de dados tabulados no SPSS⁵, tendo como instrumento a Escala ROPE.

⁵ Trata-se de um software aplicativo (programa de computador) do tipo científico. Originalmente o nome era acrônimo de Statistical Package for the Social Sciences – pacote estatístico para as ciências sociais, mas, na atualidade, a parte SPSS do nome completo do software (IBM SPSS) não tem significado.



2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa teve uma abordagem qualitativa. Para Flick (2004, p. 17) “A relevância específica da pesquisa qualitativa deve-se ao fato da pluralização das esferas da vida”. Objetivando traduzir esta acepção de pesquisa qualitativa, realizou-se a pesquisa socioantropológica, que conforme Brandão (2003) é um tipo de pesquisa que reúne as características das pesquisas: participante, ação e etnográfica, pois os pesquisadores precisam estar em estreita associação com os investigados, descobrir os problemas na realidade cotidiana dos investigados e propor ações que possam modificar essa realidade.

A investigação socioantropológica é um aprendizado de escuta, ouvindo o outro que fala com reciprocidade, ou seja, é um aprendizado coletivo. Dessa forma, este modelo de pesquisa é vivido e resume-se quase sempre em situações interativas, utilizando-se, com frequência, a observação sistemática de alguns aspectos de estrutura ambiental, física, sociocultural e dos modos de vida dos pesquisados.

A pesquisa foi realizada no contexto da UNICRUZ, mediante anuência da Presidente da Fundação, com 16 (dezesesseis) professores, integrantes do corpo docente, 146 (cento e quarenta e seis) colaboradores, e, também, com 21 (vinte e um) idosos que frequentam a UNATI.

O critério de seleção foi fazer parte da comunidade acadêmica da UNICRUZ, como docente ou corpo técnico funcional, e aceitar participar da pesquisa mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os instrumentos utilizados, nesta pesquisa, foram: Ageism Survey (PALMORE, 2001); FSA- Escala Fraboni de Idadismo (FRABONI, SALSTONE; HUGHES, 1990); EACO - Escala sobre Ageismo no Contexto Organizacional; Questionário sobre preconceito sutil e flagrante (adaptado de GALEÃO; SILVA, 2007) e a Escala ROPE (*Relating to Older People Evaluation*) – Escala de Relação com Pessoa Idosa (CHERRY; PALMORE, 2008). Todavia, nesta pesquisa, serão apresentados somente os dados referentes ao instrumento Escala ROPE (*Relating to Older People Evaluation*) – Escala de Relação com Pessoa Idosa (CHERRY; PALMORE, 2008), que indicou a frequência com que as pessoas se relacionam com idosos - aplicados aos professores e funcionários da Universidade. Foram 20 (vinte) itens no total, sendo que destes, 14 (quatorze) trataram sobre idadismo⁶ negativo e 06 (seis) sobre idadismo positivo. Esta escala foi concebida para responder a três questionamentos: a) qual é a prevalência de comportamentos preconceituosos nesta e em outras sociedades? b) quais os tipos mais prevalentes de comportamentos idadistas? c) que tipos de pessoas relatam mais comportamentos idadistas? Os resultados são avaliados pela frequência com que os entrevistados escolhem as seguintes pontuações: Nunca (pontuação 0); Raramente (pontuação 1) e Frequentemente (pontuação 2). Ainda, as respostas foram apresentadas pela soma em cada dimensão (idadismo positivo e idadismo negativo). Os dados foram qualitativos e, por isso, verificados utilizando-se a técnica de análise de conteúdo que prevê a definição de categorias. Para a pesquisa foi organizada uma

⁶ É a tradução portuguesa do termo inglês “ageism”, que significa uma atitude preconceituosa e discriminatória com base na idade, sobretudo em relação a pessoas mais velhas.



Matriz de Análise com pré-categorias definidas, complementadas, na análise, com as categorias surgidas a partir da coleta de dados. Ainda, os dados quantitativos foram analisados por meio de estatística descritiva e representados em tabelas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na realização da pesquisa, participaram 146 (cento e quarenta e seis) colaboradores e 16 (dezesesseis) professores da Unicruz, bem como 21 (vinte e um) idosos que frequentam a UNATI.

Quadro 1 – Categoria geral de Participantes da Pesquisa

Categoria		Colaboradores		Docentes		Idosos	
		f	%	F	%	f	%
Sexo	Masculino	90	61,6	12	75	12	57,1
	Feminino	56	38,4	04	25	9	42,9
Total		146	100%	16	100%	21	100%

Entre os colaboradores, participaram um maior número de pessoas do sexo masculino, gerando um percentual de 61,6%. No mesmo sentido, entre os docentes, houve uma maior participação de pessoas do sexo masculino, que corresponderam a 75%. Entre os idosos, também foi maior o número de homens participantes, em torno de 57,1%.

Tabela 1 – Faixa etária dos Colaboradores Participantes da Pesquisa

	Frequência	%
Entre 15 e 24 anos	23	15,8
Entre 25 e 34 anos	70	47,9
Entre 35 e 44 anos	29	19,9
Entre 45 e 54 anos	15	10,3
Entre 55 e 64 anos	7	4,8
Acima de 64 anos	2	1,4
Total	146	100,0

Tabela 2 – Faixa etária dos docentes Participantes da Pesquisa

	Frequência	%
Entre 25 e 35 anos	4	25,00
Entre 36 e 45 anos	8	50,00
Entre 46 e 55 anos	1	6,20
Acima dos 55 anos	3	18,80
Total	16	100,00



Tabela 3 – Faixa etária dos idosos Participantes da Pesquisa

	Frequência	%
Entre 60 e 64 anos	11	52,4
Entre 65 e 69 anos	5	23,8
Acima de 69 anos	5	23,8
Total	21	100,0

Destaca-se, na pesquisa, a grande participação dos colaboradores na faixa etária de 25 (vinte e cinco) a 34 (trinta e quatro) anos, considerados adultos jovens, correspondente a 47,9%, sendo que apenas 6,2% tinham mais que 50 (cinquenta) e 60 (sessenta) anos. Por sua vez, entre os docentes, 56,20% tem idade entre 36 (trinta e seis) a 55 (cinquenta e cinco) anos. Entre os idosos respondentes, a maioria foram idosos jovens, na faixa etária dos 60 (sessenta) a 64 (sessenta e quatro) anos de idade, equivalente a 52,4%. Já a menor média de participação, manifestou-se entre os colaboradores nas faixas etárias entre 55 (cinquenta e cinco) a 64 (sessenta e quatro) anos de idade, correspondendo a 4,8%, e, acima de 64 (sessenta e quatro) anos, 1,4%. Entre os docentes, a menor média foi entre 46 (quarenta e seis) a 55 (cinquenta e cinco), equivalente a 6,20%.

Utilizando-se de instrumento específico e já validado, como a Escala ROPE, a qual indica a frequência com que as pessoas se relacionam com idosos, utilizamos 19 (dezenove) itens do instrumento, sendo que 13 (treze) tratam sobre idadismo negativo e 06 (seis) sobre idadismo positivo. No quadro 2, as respostas dos colaboradores da Unicruz referem-se às questões positivas sobre o idadismo.

Quadro 2 – Questões positivas sobre idadismo – Colaboradores da Unicruz

Questão	Escala ROPE		
	% de Respostas		
	Nunca	Raramente	Frequentemente
Q1	8,90	38,40	52,70
Q3	4,80	22,60	72,60
Q5	4,80	23,30	71,90
Q7	13,70	55,50	30,80
Q8	17,10	56,20	26,70
Q9	15,80	34,90	49,30

Quanto às questões positivas sobre idadismo, as que apresentaram maior percentual para o indicador frequentemente foram a 3 (três), equivalente a 72,60%, que se refere a “Gostar de conversar com pessoas idosas devido a sua idade”, e a 5 (cinco), equivalente a 71,90%, que se refere a “Segurar a porta aberta para pessoas idosas por conta de suas idades”. “Elogiar pessoas idosas por sua aparência, apesar de suas idades”, questão número 1 (um), apresentou o indicador frequentemente com 52,70%. Estes três indicadores, portanto, representam as respostas positivas com mais de 50% em frequentemente. Cabe destacar, ainda, que a questão



número 9 “*Pedir conselho a um idoso por conta de sua idade*”, apresentou maior percentual no indicador frequentemente, equivalente a 49,30%. Com relação a questão número 7 (cinco) “*Oferecer-se para ajudar uma pessoa idosa a atravessar a rua*”, o maior percentual apareceu no indicador raramente, com 55,50%. Na questão número 8 (oito) “*Quando descubro a idade de uma pessoa idosa digo: Você não aparenta ter tudo isto?*”, o indicador que mais foi respondido foi o raramente, com frequência de 56,20%.

Tabela 4 – Escala ROPE Positiva entre os Colaboradores da Unicruz

Questionários	Nunca %	Raramente %	Frequentemente %	% Total
Q1	8,90	38,40	52,70	100,00
Q3	4,80	22,60	72,60	100,00
Q5	4,80	23,30	71,90	100,00
Q7	13,70	55,50	30,80	100,00
Q8	17,10	56,20	26,70	100,00
Q9	15,80	34,90	49,30	100,00
Média	10,85	38,48	50,67	100,00

Tabela 5 – Escala ROPE Negativa entre os Colaboradores da Unicruz

Questionários	Nunca %	Raramente %	Frequentemente %	% Total
Q2	75,30	19,90	4,80	100,00
Q4	69,90	23,30	6,80	100,00
Q6	76,70	21,90	1,40	100,00
Q10	66,40	29,50	4,10	100,00
Q11	42,50	41,10	16,40	100,00
Q12	21,20	45,90	32,90	100,00
Q13	15,10	23,30	61,60	100,00
Q14	69,20	24,00	6,80	100,00
Q15	81,50	15,10	3,40	100,00
Q16	91,10	6,20	2,70	100,00
Q17	80,80	18,50	0,70	100,00
Q18	65,10	23,30	11,60	100,00
Q19	67,80	24,70	7,50	100,00
Média	63,28	24,36	12,36	100,00

As maiores médias da Escala ROPE para o idadismo positivo foram para os indicadores raramente, equivalente a 38,48%, e frequentemente, em torno de 50,67%. Já a maior média da Escola ROPE Negativa, possui o indicador nunca, respondido com maior frequência, equivalente a 63,28%. As questões 15 (quinze), 16 (dezesseis) e 17 (dezessete), que se referem, respectivamente, a “*Não votar em uma pessoa idosa por conta de sua idade*”; “*Evitar contato com pessoas idosas* e “*Chamar idosos (as) de mal-humorados (as)*”, obtiveram médias de 81,50%, 91,10% e 80,80%.



Tabela 6 – Escala ROPE Positiva entre Docentes

Questionários	Nunca %	Raramente %	Frequentemente %	% Total
Q1	6,30	49,90	43,80	100,00
Q3	12,50	31,30	56,20	100,00
Q5	12,50	6,30	81,30	100,10
Q7	6,30	56,30	37,50	100,10
Q8	6,30	81,20	12,50	100,00
Q9	18,80	43,80	37,40	100,00
Média	10,45	44,80	44,78	100,03

Tabela 7 – Escala ROPE Negativa entre Docentes

Questionários	Nunca %	Raramente %	Frequentemente %	% Total
Q2	93,70	6,30	0,00	100,00
Q4	93,70	6,30	0,00	100,00
Q6	93,70	6,30	0,00	100,00
Q10	75,00	18,80	6,20	100,00
Q11	68,70	12,50	18,80	100,00
Q12	37,50	37,50	25,00	100,00
Q13	31,30	25,00	43,70	100,00
Q14	56,20	37,50	6,30	100,00
Q15	75,00	25,00	0,00	100,00
Q16	93,70	6,30	0,00	100,00
Q17	81,20	18,80	0,00	100,00
Q18	56,20	31,30	12,50	100,00
Q19	62,50	37,50	0,00	100,00
Média	70,65	20,70	8,65	100,00

Tabela 8 – Escala ROPE Positiva para os próprios Idosos

Questionários	Nunca %	Raramente %	Frequentemente %	% Total
Q1	100,00	0,00	0,00	100,00
Q3	100,00	0,00	0,00	100,00
Q5	95,20	0,00	4,80	100,00
Q7	90,40	4,80	4,80	100,00
Q8	100,00	0,00	0,00	100,00
Q9	95,20	0,00	4,87	100,00
Média	96,80	0,80	2,40	100,00



Tabela 9 – Escala ROPE Negativa para os próprios Idosos

Questionários	Nunca %	Raramente %	Frequentemente %	% Total
Q2	95,20	0,00	4,80	100,00
Q4	100,00	0,00	0,00	100,00
Q6	100,00	0,00	0,00	100,00
Q10	95,20	0,00	4,80	100,00
Q11	90,40	4,80	4,80	100,00
Q12	85,70	4,80	9,50	100,00
Q13	85,70	4,80	9,50	100,00
Q14	95,20	4,80	0,00	100,00
Q15	100,00	0,00	0,00	100,00
Q16	85,70	14,30	0,00	100,00
Q17	100,00	0,00	0,00	100,00
Q18	100,00	0,00	0,00	100,00
Q19	90,50	0,00	9,50	100,00
Q20	95,20	4,80	0,00	100,00
Média	94,20	2,74	3,06	100,00

Entre os docentes, a maior média da Escala ROPE para idadismo positivo surgiu no indicador raramente, equivalente a 44,80%. As maiores porcentagens apareceram nas questões de número 8 (oito) do indicador raramente, a qual refere “Quando descubro a idade de uma pessoa digo: você não aparenta ter tudo isso?”, totalizando um percentual de 81,20%, e na questão de número 5 (cinco) do indicador frequentemente, a qual refere “Segurar portas abertas para pessoas idosas por conta de suas idades”, totalizando um percentual de 81,30%. Na Escala ROPE para idadismo negativo, a maior média surgiu no indicador nunca, equivalente a 70,25%. As maiores porcentagens apareceram nas questões de número 2 (dois), 4 (quatro), 6 (seis) e 16 (dezesesseis) do indicador nunca, as quais referem, respectivamente, “Enviar mensagens de aniversário para pessoas idosas com piadas sobre suas idades”, “Contar às pessoas idosas piadas sobre velhice”, “Dizer para uma pessoa idosa: Você está velho (a) demais para isto” e “Evitar contato com pessoas idosas”, totalizando 93,70% em ambos. Essas, portanto referem um baixo preconceito contra idosos.

Com relação aos idosos, na Escala ROPE para idadismo positivo, a maior média foi do indicador nunca, equivalente a 96,80%. As maiores porcentagens surgiram nas questões de número 1 (um), 3 (três) e 8 (oito) do indicador nunca, as quais mencionam, respectivamente, “Contar anedota”, “Ser ignorado” e “Negar liderança”, totalizando 100% em ambos. Na Escala ROPE para idadismo negativo, a maior média correspondeu ao indicador nunca, equivalente a 94,20%. As maiores porcentagens restaram demonstradas nas questões de número 4 (quatro), 6 (seis), 15 (quinze), 17 (dezesete) e 18 (dezoito) do indicador nunca, as quais referem, respectivamente, “Sofrer insulto”, “Recusa de aluguel (recusa de alugar



imóvel por ser velho)”, “*Negar promoção (ter uma promoção no trabalho negada)*”, “*Assumir incompreensão (falta de capacidade de compreensão com atribuição causal à idade)*” e “*Ser demasiado velho (considerar as pessoas idosas demasiado velhas)*”, totalizando 100% em ambos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que concerne aos dados obtidos com a presente pesquisa, verifica-se que, de forma geral, não há índices significativos de preconceito contra a pessoa idosa, levando-se em conta as respostas dos colaboradores e professores da UNICRUZ, bem como idosos frequentadores da UNATI.

Além disso, constata-se, também, que o fenômeno do envelhecimento é uma questão social que, necessariamente, as Universidades precisam dar conta. Neste viés, como universidade comunitária, a UNICRUZ precisa estar atenta aos problemas sociais que afligem sua comunidade, oportunizando, nos cursos de graduação, ações educativas, como: oficinas sobre Direitos Humanos e convivência intergeracional; rodas de conversa; grupo de estudos; sessões de cinema; atividades intergeracionais no Laboratório de Desenvolvimento Humano da UNICRUZ; participação de membros dos conselhos de direitos nos espaços institucionais divulgando os Direitos dos idosos, bem como a produção de uma Cartilha sobre Convivência Intergeracional, Direitos Humanos e Cultura da Paz.

REFERÊNCIAS

BARROS, M. M. L. Três gerações femininas em famílias de camadas médias. In: VELHO, G.; DUARTE, L.F.D. **Gerações, família, sexualidade**. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2009. p. 46-62;

BORGES, Gabriela Mendes; CAMPOS, Marden Barbosa de; SILVA, Luciano Gonçalves de Castro e. Transição da estrutura etária no Brasil: oportunidades e desafios para a sociedade nas próximas décadas. In: ERVATTI, Leila Regina; BORGES, Gabriel Mendes; JARDIM, Antonio de Ponte (Org). **Mudança Demográfica no Brasil no início do século XXI: subsídios para as projeções da população**. IBGE, 2015, p. 138 – 151. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv93322.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2019;

BRANDÃO, C. R. **A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador**. São Paulo: Cortez, 2003;

CAMARANO, A. A. **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?**. Rio de Janeiro: IPEA, 2004;



CHERRY, K. F.; PALMORE, E. B. Relating to Older People Evaluation (ROPE): a measure of self-reported ageism. **Educational Gerontology**, n. 34, v. 10, p. 849-861, 2008;

FLICK, U. **Uma introdução à Pesquisa Qualitativa**. Tradução de Sandra Netz. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2004;

GRAZINA CORTEZ, M.; SOUSA, A. P. (2012). **INTERGERACIONALIDADE: QUE FUTURO?**. VII Congresso Português de Sociologia, 19 a 22 de junho de 2012;

MINAYO, M. C. de S. **Brasil: manual de enfrentamento à violência contra a pessoa idosa. É possível prevenir. É necessário superar**. Brasília-DF: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2014;

MOTTA, A. B. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre envelhecimento. **Revista Sociedade e Estado**, v. 25, n. 2, maio/ago. 2010;

RABELO, D. F.; NERI, A.L. A Complexidade Emocional dos Relacionamentos Intergeracionais e a Saúde Mental dos Idosos. **Pensando Famílias**, n. 18, v. 1, p. 138-153, jun. 2014;

RODRIGUES, M. I. S. **Atividades Intergeracionais: o impacto das atividades intergeracionais no desempenho cognitivo dos idosos**. In: CICLO DE ESTUDOS EM GERONTOLOGIA SOCIAL APLICADA, 2. Anais do II CICLO DE ESTUDOS EM GERONTOLOGIA SOCIAL APLICADA.